



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

DÉBORAH CAROLLYNE DO AMARAL GAMA

**O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA MÉDIO: UMA VISÃO A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**GUARABIRA
2018**

DÉBORAH CAROLLYNE DO AMARAL GAMA

**O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA MÉDIO: UMA VISÃO A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Ensino
Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G184e Gama, Deborah Carollyne do Amaral.
O ensino de leitura e escrita na EJA Médio: [manuscrito] : uma visão a partir do estágio supervisionado de Língua Portuguesa / Deborah Carollyne do Amaral Gama. - 2018.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Estágio supervisionado. 2. Leitura. 3. Produção de Texto. 4. EJA. I.
Título

21. ed. CDD 374

DÉBORAH CAROLLYNE DO AMARAL GAMA

**O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA MÉDIO: UMA VISÃO A PARTIR DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduação
em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Ensino

Aprovada em: 28/11/2018

BANCA EXAMINADORA

Juarez Nogueira Lins
Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins
Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins
Escola de Ensino Superior do Agreste Paraibano (EESAP)

Antonio Flavio Ferreira de Oliveira
Prof. Ms. Antonio Flavio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer a Deus por ter estado presente em todos os grandes momentos da minha vida, me ajudando a superá-los da melhor forma possível.

Ao meu filho, Caio, que iniciou o curso comigo na minha barriga e desde então foi minha maior força e superação aos obstáculos enfrentados nessa vida.

Ao meu esposo, Everton, pelo amor e cuidado ao decorrer desses cinco anos, me ajudando a seguir em frente nessa caminhada.

Aos meus pais, professores Joseli e Luciana, pelo incentivo ao estudo e amor pela profissão exercida.

Ao meu professor e orientador, Dr. Juarez Nogueira Lins, o qual, além de contribuir para minha formação acadêmica, com muita paciência e dedicação me orientou para que eu viesse a concluir este trabalho.

Aos Professores William Sampaio e Antonio Flavio que proporcionaram a mim, parte do seu tempo para minha avaliação.

Aos meus professores da UEPB que colaboraram na minha formação acadêmica e no meu desenvolvimento enquanto cidadão com senso crítico.

A todos os meus amigos da UEPB que me ajudaram e conviveram comigo durante todo o curso.

Obrigada a todos!

Na EJA ou em qualquer modalidade, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem de modo adequado nas diferentes situações comunicativas. Chega-se aos resultados pela prática constante de leitura e de produção de textos, apelando-se à atividade metalinguística ou à gramatical quando for preciso ampliar (e/ou aperfeiçoar) o repertório comunicativo do aluno (PEREIRA, 2014).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LETRAS	08
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA EJA	09
4 O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA.	11
4.1 PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA A PARTIR DO ESTÁGIO.....	13
5 UMA VISÃO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIANDO	14
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS	22

O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA MÉDIO: UMA VISÃO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Déborah Carollyne do Amaral Gama

RESUMO

O Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, enquanto instrumento de formação inicial e, portanto, articulador entre a teoria e a prática, nos levou ao contato com a modalidade de Ensino EJA – Educação de Jovens e adultos. Lá nos deparamos com alguns problemas que afetam todos os níveis de ensino: as dificuldades de leitura e escrita. Diante dessa problemática, objetivamos analisar o ensino de leitura e de escrita na EJA, a partir de nossa breve experiência de estágio supervisionado. Para atingir esse objetivo, nos fundamentamos em alguns estudos de Pimenta (2011), Leal (2005), Oliveira (2010) entre outros e, em uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa ação. Concluímos que as práticas de leitura e produção de textos, praticadas nas escolas, na EJA, se distanciam daquelas propostas pelos estagiários.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Leitura. Produção de Texto. EJA.

1 INTRODUÇÃO

Dificuldades de leitura e produção de texto é sem dúvidas, o principal problema que afeta na nossa educação básica, em todas as suas modalidades. Por essa razão, se faz necessários esforços por parte das políticas públicas e por parte dos nossos profissionais de ensino, no sentido de minorar tais problemas, principalmente, naquelas modalidades de ensino, mais críticas, como é o caso da EJA. Assim, tendo em vista a necessidade de discutir e implementar ações na área de leitura e produção de texto nas escolas básicas, demanda urgente na pauta dos educadores, este artigo objetiva analisar as práticas de leitura e escrita, praticadas na EJA, durante o momento de realização do estágio supervisionado, na escola pública.

Para realizar esse intento, nós, futuros profissionais da área, buscamos subsídios teóricos, principalmente, nos estudos de Pimenta (2011), que destaca a formação docente e as práticas de Estágio Supervisionado, Leal (2005) sobre práticas e de linguagem na EJA, e

Oliveira (2010), sobre especificidades do ensino de Língua Portuguesa. A metodologia adotada foi qualitativa, respaldada por uma pesquisa-ação, haja vista que o pesquisador está inserido e participando do lócus da pesquisa. Como procedimentos, a observação de aulas e a análise das aulas ministradas. Dividiu-se o artigo em três tópicos: o primeiro discute a questão do estágio, e de modo específico, o estágio supervisionado de Letras. O segundo discute o ensino de EJA e terceiro, as práticas de leitura e produção de texto na EJA e nas aulas de Estágio.

2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE LETRAS

A disciplina de Estágio Supervisionado no curso de licenciatura de Letras Português proporciona aos acadêmicos o acesso à escola, além de poderem vivenciar o cotidiano escolar. Nesse sentido, sabemos o quão importante é a fase de estágio supervisionado na rede básica de ensino. Com isso, as experiências vivenciadas por nós estagiários revelam que é crucial passar por este período de pesquisas e aprendizagem, tanto para o aperfeiçoamento dos conhecimentos enquanto indivíduo, como também, para a solidificação da profissão de ser professor de Língua Portuguesa ou de qualquer outra disciplina/formação.

O Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de licenciatura [...] é concebido como um campo de conhecimento teórico-prático e interdisciplinar, que possibilita ao educando a aproximação, reflexão, interação e atuação no contexto social, ético, político, tecnológico, cultural e educacional no qual o trabalho docente está inserido [...] sendo essencial para a formação de competências docentes do futuro profissional licenciado. (CONSEPE, 2010, p. 21-22).

Com base na resolução supracitada, entende-se que a prática de estágio nos cursos de licenciaturas oportuniza o aprimoramento de conhecimentos e habilidades indispensáveis ao exercício profissional e, para que aconteça uma articulação efetiva do estágio, é preciso que os acadêmicos relacionem os conhecimentos científicos estudados na academia, em se tratando principalmente do saber teórico, com as intervenções didáticas que vão sendo construídas na atuação de ser professor.

O estágio é um período necessário para o processo de formação educacional, ele busca promover uma análise reflexiva de vivências do dia a dia das turmas, como também uma melhor compreensão do exercício da função docente e o contato com o ambiente escolar. Nesse período o licenciando apresenta um olhar crítico, buscando refletir sobre o ambiente educacional, a metodologia utilizada em sala de aula, o desempenho dos alunos e tentando

detectar alguns problemas e conseqüentemente, procurar uma melhor compreensão para todo o contexto envolvido, na busca de possíveis soluções.

Levando sempre em consideração, a importância do Estágio no nosso processo de formação, Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação com a realidade na qual atuará. (Pimenta, Selma Garrido, 2011. P,45). O estágio proporciona ao aluno uma participação de situações reais de vida e trabalho, sendo assim um conjunto das atividades de ensino-aprendizagem relacionadas ao meio cultural, social, profissional e didático-pedagógico. Para o discente, o estágio é um fator essencial na sua formação profissional, fator esse que proporciona a interatividade entre a realidade e sua futura profissão.

O aluno estagiário do curso de Letras, pode através das observações feitas em estágio aplicar projetos, já na modalidade da regência, que venham ajudar os alunos nas questões inerentes a deficiência detectada em relação aos conteúdos estudados. No estágio é desenvolvido um trabalho de pesquisa, compreendido por Charlot (1990, p.91), “[...] é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar inteligibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali.” As experiências adquiridas com a prática do Estágio Supervisionado, proporcionam uma reflexão de como é o cotidiano dos alunos em sala de aula.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA EJA

A modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria dando oportunidade para jovens e adultos iniciar e/ou dar continuidade aos seus estudos, denomina-se de EJA. Ela é, portanto, uma modalidade de ensino que visa garantir um direito àqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los.

A legislação educacional define que a idade mínima para o ingresso nos cursos de Educação de Jovens e Adultos é a partir de 15 anos completos para o ensino fundamental e de 18 anos para o ensino médio. De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, mais precisamente no artigo 208, diz que: “O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos aqueles que não tiveram acesso na idade própria” (...).

As orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propiciam a elaboração e implantação de propostas curriculares adequadas às especificações dos alunos da modalidade de ensino, EJA, em relação aos conteúdos educacionais para os alunos de ensino fundamental e médio. Mas, infelizmente, as escolas ainda possuem deficiências em suas gestões, principalmente na produção de um ensino de qualidade. A maioria das escolas “congelaram” no tempo em relação às suas dinâmicas educativas, pouco pertinentes a essa modalidade de ensino. Hoje em dia, muitas escolas possuem dificuldades de explorar projetos político-pedagógicos tirando da teoria e aplicando na prática, e isso é muito preocupante.

Hoje, no Brasil, grande parte da população não teve ou ainda não tem acesso à educação devido a condições sociais e econômicas desiguais, que acabam dificultando o acesso ao conhecimento. Por esses motivos, entre outros, o índice de analfabetismo e evasões escolares ainda são bastante consideráveis. No âmbito escolar precisa ser trabalhado, mecanismos que venham a estimular os alunos para que os mesmos não abandonem a sala de aula. O corpo escolar precisa andar de mãos dadas com a realidade do público alvo e trazer para seu currículo o cotidiano dos acadêmicos.

O filósofo Paulo Freire, considerado um dos pensadores mais notáveis da pedagogia mundial, orienta em alguns de seus estudos e contribui através de suas teorias para um maior desenvolvimento no trabalho do docente. Segundo ele, a realidade do aluno precisa ser conhecida ou especulada pelo professor, principalmente para os alunos da modalidade de ensino EJA. Os professores da Educação de Jovens e Adultos, precisam se adaptar a mudanças, como o fato de receber em suas aulas alunos que possuam mais idade, alunos que há muito tempo havia estudado ou até mesmo alunos que deveriam já saber lê e escrever e não sabem. Os professores precisam acolher esses alunos de uma forma satisfatória para todos. Quando o docente está inserido na realidade dos alunos, isso lhe dá subsídio para melhor compreender as experiências de vida dos mesmos. Leal (2005, p. 114) teoriza esse pensamento ao dizer que:

O conhecimento na ação, ou o conhecimento tácito, seria aquele constituído na prática cotidiana do exercício profissional. Concebemos que esse é um saber que se constrói com base nos conhecimentos prévios de formação inicial, articulado com os saberes gerados na prática cotidiana, de forma assistemática e muitas vezes sem tomada de consciência acerca dos modos de construção. Para um projeto de formação numa base reflexiva, torna-se fundamental conhecer e valorizar esses conhecimentos que são constituídos pelos professores, seja através de uma reflexão teórica, seja através desses processos eminentemente assistemáticos.

4 O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA

A leitura e escrita é muito importante na vida, principalmente dos alunos da EJA, pois possibilita a criação de conhecimentos a cerca do meio social em que vivem, fazendo com que se tornem cidadãos críticos e questionadores em uma sociedade que tanto discrimina pessoas que não tiveram oportunidades de estudar ou as tivera tardiamente.

Apesar de muitos alunos da EJA sentirem dificuldades na leitura e escrita, as experiências adquiridas ao longo de suas vidas servirão para sua aprendizagem. Por esse motivo que o processo de alfabetização não pode ser separado do processo de construção e cidadania. Todo indivíduo é letrado mesmo que não tenham aprendido a lê e escrever. Uma pessoa mesmo não sendo alfabetizada possui conhecimentos adquiridos ao longo do tempo que devem ser valorizados no âmbito escolar, pois esses conhecimentos mesmo que não científicos, são conhecimentos de mundo que fizeram com que muitas pessoas soubessem passar um troco ou pegar o ônibus certo, sem ao menos terem visto as quatro operações básicas da matemática ou sem nunca terem formado sílabas para lê frases.

É importante que as experiências vividas pelos alunos ao longo da vida sejam trazidas para a sala de aula, havendo assim um maior aproveitamento e rendimento no ensino-aprendizagem. Embora os alunos não tenham visto gêneros textuais em sala de aula, já se depararam com diversos gêneros como rótulos, propagandas, documentos, entre outros. E isso faz com que o docente tenha a responsabilidade e o cuidado de iniciar o ensino de leitura e escrita levando em consideração toda a realidade do discente. Para Freire (1996, p. 23):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os contam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.

Para ensinar a EJA, os professores precisam está sempre capacitados buscando informações que melhorem seu nível de ensino e reavaliando suas metodologias. Dessa forma eles estarão mais capacitados nessa função que exige bem mais do docente, pelo fato de os alunos possuírem contextos sociais bem diversificados. Lemos (1999, p.25) afirma que:

Os adolescentes e adultos procuram a escola, inicialmente, motivados pelas expectativas de conseguir um emprego melhor, ou então são levados pelo desejo de elevação da autoestima, da independência e da melhoria de sua vida pessoal, como por exemplo, dar bons exemplos aos filhos, ajudá-los em suas tarefas escolares etc. Em síntese pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua necessidade como ser humano e ser social.

A leitura é um instrumento de desenvolvimento social que possibilita combater as desigualdades sociais, alcançar oportunidades de trabalho e de ensino. Por esse motivo é tão importante para os alunos da educação de jovens e adultos o contato permanente com a leitura. É fundamental a prática da leitura para o desenvolvimento educacional. Quando se tem convívio com a leitura há uma facilidade maior de interpretação de textos, de pensamentos críticos em relação ao que acontece na sociedade, de comunicação com as pessoas, entres tantas outras coisas. A leitura faz com que o ser humano tenha acesso a conhecimentos múltiplos e isso faz com que o leitor saiba se expressar melhor nos momentos do seu dia a dia em que ele precise usar a oralidade, por exemplo.

Quando o docente leva metodologias adequadas que estimulam seus alunos para leitura, até os que inicialmente não se interessavam por ela começam a interessar-se. A leitura em sala de aula precisa ser polemizada, fazendo com que os alunos interajam expondo suas opiniões e senso crítico. Quando o texto atrai os alunos, a interação e discussão são garantidas em sala de aula.

Andando de mãos dadas com a leitura, a escrita também é de suma importância na vida dos alunos, pois ela está presente cotidianamente na vida da população de uma forma geral. Hoje, a escrita está sendo usada de uma forma muito abrangente nas redes sociais, na sala de aula, na anotação de um lembrete, em provas avaliativas como concursos ou vestibulares, enfim, em distintas coisas que faz com que fique evidente a dificuldade de sobrevivência sem saber escrever.

Marcushi (2010) diz que, numa sociedade como a nossa, a escrita é mais do que uma tecnologia, ela é um bem social indispensável na vida das pessoas, tanto nos centros urbanos como na zona rural. No mundo moderno a escrita pode ser vista como algo essencial à sobrevivência, pela forma como ela se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Marcushi ainda frisa que ela se tornou indispensável, simbolizando educação, desenvolvimento e poder.

A escrita ocasiona desse modo, muitos benefícios sociais, intelectuais e até mesmo pessoais. Por esse motivo, a escrita deve ser trabalhada em sala de aula de forma enriquecedora, de maneira que os textos motivadores tenham conteúdos atualizados e que façam parte do dia a dia dos alunos. Para se escrever um texto é necessário que haja coesão e coerência, mas para que isso seja fixado na mente dos discentes e produzidos por eles da

maneira mais correta, é preciso que os mesmos venham a se interessar pela leitura e só o farão se os textos estiverem interligados de alguma forma com o cotidiano deles.

Levar diferentes gêneros textuais para a sala de aula, expondo suas características e como estão inseridos na sociedade, é uma forma muito proveitosa de plantar o desejo da leitura e escrita no coração dos alunos, visto que eles mesmos, antes de freqüentar a escola, já tinham acesso à imensidão de gêneros existentes. Reforçando a ideia acima Soek, Haracemiv e Stoltz (2009, p.41) diz que:

Os alfabetizando jovens e adultos, por mais que não tenham freqüentado a escola regular, convivem no meio social com diferentes tipos de escritas, tais como documentos, propagandas, rótulos, etc. Além disso, ao iniciar o processo de alfabetização já trazem consigo diferentes hipóteses sobre o mundo letrado, função da leitura e escrita, assim como toda uma experiência com a oralidade.

4.1 PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA A PARTIR DO ESTÁGIO

Foi detectado, ao cursar a disciplina de Estágio Supervisionado II e III, que as aulas de Língua Portuguesa ainda estavam muito metódicas, priorizando a gramática normativa e esquecendo o contexto social dos alunos. Dessa forma as aulas eram sempre cansativas e rotineiras, fazendo com que os alunos olhassem para a Língua Portuguesa como uma disciplina difícil de ser compreendida.

No início do Estágio Supervisionado III, foi escolhida a turma do 1º ano da EJA da Escola Cidadã Integral Técnica Mons. Emiliano de Cristo, para que houvesse uma análise do comportamento dos alunos à frente da leitura, escrita e até mesmo da oralidade.

As aulas de Língua Portuguesa precisam está voltadas para o uso da língua. A gramática, a leitura, a escrita e a produção oral devem esta compreendidas como uma prática de reflexão sobre a língua e seus usos. Hoje em dia, há muitas propostas com perspectivas discursivas que quebram o paradigma do tradicionalismo nas aulas de Língua Portuguesa, mas alguns educadores não conseguem fugir a norma insistindo em uma gramática normativa que não resolve o problema da leitura e da escrita e que acabam afastando os alunos dos sentidos que a linguagem tem em suas vidas.

Cabe ao professor levar para sala de aula atividades que façam referência ao universo do aluno, fazendo com que a língua se torne objeto de reflexão. É necessário que se pense em um ensino que atenda as necessidades e expectativas dos jovens e adultos, criando assim um ponto de encantamento nas aulas de Língua Portuguesa. Com o interesse dos alunos para as

aulas, eles desenvolvem melhor suas habilidades de compreensão e reflexão sobre os temas que circulam atualmente em seus meios sociais, sentindo o desejo de produzir e defender suas ideias através de textos.

O ensino de Língua Portuguesa necessita de novas avaliações. Embora importante, o professor não deve se prender a ensinar apenas a Gramática normativa. É fato que a língua portuguesa é muito complexa, mas é importante saber que quem dá vida a língua são seus próprios falantes e que uma vez adquirida a experiência lingüística oral, todo e qualquer indivíduo é capaz de aprender sua estrutura gramatical. Levando em consideração a importância de cada conteúdo, as aulas precisam ser planejadas e organizadas de forma estratégica, fazendo com que os objetivos do professor tenham êxito.

Para que haja uma boa aula é necessário realizar antes um planejamento. Planejar é o ato de criar um plano para aperfeiçoar e alcançar determinado objetivo. Um indivíduo que utiliza o planejamento como ferramenta no seu trabalho, demonstra um interesse em organizar ações e processos que vão acontecer no futuro, aumentando a eficácia daquilo que faz. Dessa forma todas as aulas precisam ser planejadas levando em consideração, antes de tudo, conhecimentos antecipados sobre a vida e comportamento dos alunos. É essencial que, na preparação das aulas os professores não se restrinjam apenas aos conteúdos que serão transmitidos, mas também aos contextos históricos e sociais de determinados conteúdos. Como disse ARROYO (2004, p. 219):

Preparar uma aula não é preparar um cardápio, menos ainda requeimar pratos ou enlatados a serem repassados a alunos atentos ou desatentos, com fome ou sem fome do conhecimento. Quando reconhecemos o caráter histórico, inacabado, do conhecimento, nos resultam desconstruídas essas concepções tão fechadas do conhecimento, pratos prontos apetecíveis e assimiláveis para qualquer mente "normal" desde que sejam repassados com didáticas apropriadas. ARROYO (2004, p. 219)

É importante lembrar que não basta que sejam realizadas pesquisas e criadas novas teorias de ensino, se os profissionais de língua portuguesa não estiverem dispostos a reverem suas práticas de ensino em sala de aula e não promoverem a mudança de estratégia em busca de resultados mais positivos.

5 UMA VISÃO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Durante a observação, pude constatar que as práticas de leitura se resumiam as propostas do livro didático: a professora pedia que os alunos abrissem o livro, em seguida lia

um parágrafo e pedia que cada aluno fizesse a leitura de outro parágrafo do texto. Após o final da leitura, realizava um breve debate e em seguida, sem explorar muito o tema, pedia que os alunos fossem responder as questões de interpretação textual.

Em outra aula, a professora, a partir do livro, leu sozinho o texto, perguntou aos alunos se eles entenderam, fez algumas comparações com outro texto e solicitou que os alunos respondessem as questões e as questões gramaticais sobre Pronome. E assim, as práticas de leitura, para interpretar e para resolver questões gramaticais, foram a principal atividade de leitura, nas aulas observadas.

As práticas de produção de texto seguiam a metodologia aplicada a leitura: após a leitura de algum gênero textual, geralmente se pedia ao aluno para produzir um texto similar ao texto lido. Poucas vezes, havia debate, para se esclarecer à temática, pois os alunos eram bastante agitados e a professora preferia que os mesmos ficassem quietos e calados. Outras vezes, se discutia temas que se relacionavam com o tema principal.

O meu estágio de regência foi com a turma do 1º ano A do ensino médio EJA. A metodologia utilizada para que as aulas se desenvolvessem foram dinâmicas e interativas. Foi feito um acompanhamento em relação a interpretações textuais, leituras alternadas e brincadeiras educativas, sempre voltadas para os conteúdos. Nas aulas eles participaram ativamente. Como em todas as turmas, há alunos mais participativos e outros menos, mas de uma forma geral houve uma interatividade entre todos.

Foi trabalhado leitura e produção de texto em relação a temas polêmicos, como a política atual e corrupção, visto que os alunos eram bastante atualizados. A pedido da professora, foram trabalhados Verbo e Realismo, pelo fato de que eram os conteúdos que estavam para serem estudados. Os conteúdos foram vistos de forma contextualizada pela qual os alunos não se sentiam na obrigação de decorar regras. O texto “O mau pressentimento” de autor desconhecido e pego na internet, foi escolhido pelo seu tom humorístico, visto que os alunos eram bem agitados e brincalhões.

Ao estudar o Realismo utilizei a obra “Os quebradores de Pedra” do pintor francês Gustave Courbet e a música “Diário de um detento” de Racionais MC’s. Dessa forma os alunos vieram analisar a pintura e a música fazendo um diálogo entre ambas com a realidade de hoje e com o contexto social em que estão inseridos. Foi de extrema satisfação vê a participação dos alunos nas aulas. A música escolhida era de conhecimento de todos da sala e eles se identificaram bastante, trazendo para os que estavam na aula, seus diversos pensamentos e posicionamentos em relação ao que foi o Realismo e de que forma ele ainda se

faz presente nos dias de cada um dos que estavam ali inseridos. Os alunos interpretaram a pintura e a música de uma forma tão abrangente que foi além de nossos conhecimentos.

Estar com os alunos durante a atividade debatendo e dialogando sobre os temas expostos não significa ter a responsabilidade de saber sobre tudo que está sendo exposto. Assim como os alunos, o professor será sempre um eterno aprendiz das novas ideologias e conhecimentos. O principal papel do docente é atuar como professor de sua disciplina e como educador no que diz respeito à formação integral do indivíduo sob sua tutela educacional.

De acordo com observações realizadas em estágio, foi possível verificar como se dá a aprendizagem dos alunos em sala de aula. Muitos alunos vêm os estudos, mais precisamente a disciplina de Língua Portuguesa, como algo chato e monótono, uma obrigação que eles têm consigo e que não vêm à hora de se livrar. A maioria dos jovens e adultos da EJA frequentam a escola no intuito de conseguir um diploma para poderem entrar o mais rápido possível no mercado profissional.

Infelizmente, muitas escolas não estão conseguindo ou sequer tentando passar o valor do conhecimento adquirido pelos estudantes. A maioria dos alunos demonstra estar totalmente conectados as novas tecnologias, mas mesmo assim existem escolas e educadores que não estão interessados em se apropriar desses recursos para conseguir manter os alunos em sala. Na grande maioria das vezes existem salas de informática, mas os alunos não a utilizam com a justificativa que eles danificam os aparelhos ou que a chave está guardada pelo Diretor(a) em um local quase que inacessível. Os alunos observam todo o comportamento do corpo escolar e muitas das vezes se sentem desmotivados de estarem ali.

A realidade ainda é dura e complexa em relação ao ensino nas escolas. Os problemas estruturais, operacionais e sociais que influenciam no processo educacional ainda são muito acentuados. É aí que se encontram os grandes desafios. Aproximar a prática pedagógica das teorias requer muito esforço e em diversas frentes, tais como a formação dos professores, a melhoria das condições de trabalho dos profissionais ligados à educação e das condições sociais dos alunos e suas famílias.

Antes de tudo isso, porém, é preciso voltar nosso olhar para o cenário atual e buscar meios de compreender e diagnosticar as práticas pedagógicas atuais, para que seja possível conceber meios de transformá-las e adequá-las aos paradigmas que os PCNs (1997, p. 29) colocam.

O professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar e avaliar, a fim de possibilitar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos. É a partir dessas determinações que o professor elabora a programação diária de sala de aula e organiza sua

intervenção de maneira a propor situações de aprendizagem ajustadas às capacidades cognitivas dos alunos. Em síntese, não é a aprendizagem que deve se ajustar ao ensino, mas sim o ensino que deve potencializar a aprendizagem.

No decorrer das aulas, foi diagnosticado que os alunos sofriam dificuldades e sentiam-se envergonhados de lê em público, então adotamos uma metodologia de ensino focada nessa dificuldade encontrada pelos discentes. O entrosamento nas aulas ministradas no período do estágio foi nítido, perguntas e curiosidades em relação aos temas abordados estavam sempre frequentes, e os alunos, aparentemente, ficaram muito satisfeitos com as aulas ministradas. Depois que houve a detecção das dificuldades encontrados na leitura e escrita, foi feita uma pesquisa em aula:

Quadro A: Leitura em público. (Se o aluno sente-se a vontade de lê em público);

A1: “Não, porque primeiro eu não pratico muito a leitura, então isso não ajuda na hora da leitura, por isso não gosto de lê em público.”	A3: “Sinto um desejo enorme, mas não tenho o hábito qual foi indagado. Um dia chego lá!”
A2: “Não, porque tenho vergonha e fico nervosa e começo falar tudo errado.”	A4: “Sim, pois me sinto bem a vontade pra falar em público. Mas também tenho muito cuidado na pronúncia das palavras.”

Fonte: Pesquisa da autora / outubro 2018

Quadro B: Uso da escrita e oralidade. (Em que momento do dia o aluno usava escrita e oralidade);

A1: “Sempre no celular, nas redes sociais.”	A3: “A oralidade a cada quinze minutos, mas a escrita... Aí só a noite.”
A2: “Normalmente durante a parte da tarde no trabalho eu me vejo mais falante. No período da noite escrevo com mais frequência por causa da escola.”	A4: “Pela manhã, porque é no horário da manhã que costumo resolver todas as minhas funções diárias e utilizo bastante a escrita.”

Fonte: Pesquisa da autora / outubro 2018

Quadro C: Leitura e produção de texto (De que forma a leitura e produção de texto ajudava o aluno no seu cotidiano);

A1: “Me ajudou a entender mais as coisas, a desenvolver mais as coisas do meu cotidiano.”	A3: “Sempre existem dúvidas em palavras e citações , então ajudaram bastante meu ler e escrever.”
A2: “Eu, particularmente, aprendo muita coisa produzindo algum texto ou redação.”	A4: “Porque sempre que a gente lê vem novas ideias e aprendemos mais para poder fazer texto.”

Fonte: Pesquisa da autora / outubro 2018

Diante da observação e relatos dos alunos, é perceptível que a EJA ainda encontra muitas dificuldades durante o período escolar. Muitos deles trabalham durante todo dia e quando chegam para estudar à noite já estão cansados e esgotados, tornando mais difícil a fixação dos conteúdos. Dessa forma, muitos deles vêem a educação como um peso a se carregar. Essa realidade é muito presente na sala de aula. A questão da leitura e escrita na vida deles ainda está um pouco distante de suas realidades.

O aluno 1, quando questionado sobre a questão de lê em público, afirma que não pratica a leitura e é ciente que por causa disso não lê em público, pois sabe que não lerá perfeitamente. O aluno 2 diz que tem vergonha, o aluno 3 diz que sente vontade mas não tem o hábito da leitura. Apenas o aluno 4 diz que se sente a vontade de lê em público.

É perceptível que a maioria dos alunos não lê em público porque não estão acostumados a praticar a leitura, e quando praticam é de uma maneira metódica em sala de aula. Esse é um agravante que precisa ser quebrado, tomando partida na implantação do interesse na vida deles pela leitura. Muitos alunos acham bonito e queriam para si, mas não tem forças e incentivos para seguir em frente. Não conseguem associar a educação com a realidade de suas vidas e estão ali apenas para receber o diploma e conseguir um emprego um pouco melhor.

No quadro B quando se questionou o uso da escrita e oralidade eles afirmaram que usam mais a oralidade que a escrita, o aluno 1 ainda frisou que usava os dois nas redes sociais. No quadro C, os alunos conscientemente declaram o quão importante é para eles a leitura como alicerce na produção de textos.

Através daí, desses relatos e dessas pesquisas tão simples que podem ser feitas pelos professores das turmas é que se pode identificar o caminho correto a se trilhar. Já que houve alunos que falaram das redes sociais, porque não trazer atividades com esses tipos de gêneros para que venham chamar a atenção dos estudantes e interligar dessa forma a escrita e a oralidade com a realidade do aluno? Porque os alunos convivem mais com a oralidade e na

hora de lê em público se sentem envergonhados? Porque eles são tão cientes da importância da leitura e não costumam lê?

São perguntas que precisam de respostas acompanhadas de soluções. Os professores, como foi dito diversas vezes nesse artigo, precisam trazer para as aulas de Língua Portuguesa a realidade do aluno, fazendo valer a pena o que estão estudando de forma que os discentes carreguem o aprendizado para suas vidas pessoais, sociais e profissionais. Os PCNs (1997), propõe:

...uma mudança de enfoque em relação aos conteúdos curriculares: ao invés de um ensino em que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que o conteúdo seja visto como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos. (PCN, 1997, p.30)

Sabe-se que a realidade do professor é dura e os meios são escassos, só que na maioria das vezes é criada uma resistência frente à tecnologia e a novos conhecimentos. O professor precisa enxergar a tecnologia como algo prático e de fácil acesso, que sirva de suporte para a aplicação de aulas e conteúdos, isso levando em consideração a realidade do alunado.

Se o educador usar as redes sociais, por exemplo, para trabalhar leitura, escrita e oralidade, além de os alunos saberem a importância dessas ações eles tomarão para si e as praticarão, pois esses três tópicos se tornarão realidade na vida deles. A escola e os docentes precisam ter como uma das principais tarefas fazer com que os alunos tenham conhecimento e domínio das múltiplas funções da linguagem, que tem por objetivo a comunicação entre as pessoas.

É preciso que haja um aprendizado contínuo na formação de leitores que tenham um envolvimento integral com os textos, para que a cada leitura se adquira profundidade e intimidade com o mundo desenvolvendo uma reflexão crítica, fazendo perguntas e buscando respostas para haja um maior desenvolvimento intelectual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma preocupação muito grande em relação ao rumo negativo que a aprendizagem estudantil pode tomar, por esse motivo existe um olhar cuidadoso voltado para o ensino nas escolas, principalmente quando se trata da Educação de Jovens e Adultos. Muitas vezes o

aluno da EJA se sente desestimulado e precisa de um apoio por parte dos docentes para que se sintam mais motivados.

A leitura e a escrita na Educação de Jovens e adultos são muito importantes, pois desempenham um papel fundamental na sociedade em que estamos inseridos. Elas estão em todas as partes e precisamos das mesmas em várias situações do nosso dia a dia. Saber lê e escrever é primordial para os alunos da Educação de Jovens e Adultos, pois faz com que eles tenham uma melhor compreensão da realidade atual.

As atividades de leitura e produção textual trabalhadas em sala de aula foram de extrema relevância, através delas os alunos pesquisaram sobre temas polêmicos e expuseram através de textos seus posicionamentos, com isso, os próprios alunos tomaram ciência de quão importante foi o trabalho de pesquisa para o crescimento intelectual deles, formando assim cidadãos pensantes, críticos e orgulhosos de si mesmo.

Diante do exposto, é observável, principalmente através do estágio, que a prática de ensino de leitura e escrita na sala de aula é indispensável para vida pessoal e social dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, além da profissional.

No estágio, é desenvolvido um trabalho de pesquisa, compreendido por Charlot (1990, p.91), “[...] é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar inteligibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali.”

As experiências adquiridas com a prática do estágio proporcionam uma reflexão de como é a vivência em sala de aula, e faz com que haja uma percepção sobre os problemas existentes no ensino de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa. A partir desses conhecimentos e vivências adquiridas é compreendido que o mediador da leitura e escrita, o professor, precisa deter de meios adequados e condizentes para que haja um maior desempenho das turmas ensinadas.

Os alunos da EJA trazem experiências de vida enriquecedoras, cheias de conhecimentos em relação ao mundo e a sociedade que estão inseridos, mas infelizmente, muitos dos alunos inseridos nessa modalidade de ensino não possuem facilidade de se expressarem através da linguagem escrita e/ou oral.

O educador possui um papel considerável nesse processo de ensino pelo fato de ser o mediador do conhecimento, é preciso motivar os educandos a participarem do processo educativo de maneira que os mesmos venham a ser construtores de seus próprios conhecimentos. O exercício da docência envolve entrega, doação, pesquisa e reflexão, pois na medida em que o educador tem diante de si uma situação problema ele eleva a sua capacidade

de pensar. Logo, ao levar essa vivência para a sala de aula ele despertará o interesse dos estudantes, possibilitando com que eles se sintam partícipes do processo de ensino-aprendizagem.

É necessário que o docente construa o conhecimento com seus alunos, fazendo dessa forma, com que os alunos sejam peças fundamentais nesse trabalho, no entendimento que ele possa promover profundas transformações em si e no mundo em que vive.

O que se deseja é que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos possam constituir-se como leitores e produtores de textos, capazes de produzir sua escrita e sua própria comunicação com o mundo. Essa é a chave para a mudança das práticas tradicionais e repetitivas de leitura e escrita para práticas em que haja um melhor rendimento dos alunos. Freire (1996, p.31) afirmou que:

É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.

Acreditar na EJA traz bons frutos, da mesma forma que acreditar na educação traz bons resultados. Ao invés de ficarmos esperando por mudanças, precisamos realizá-las acreditando e tomando iniciativas quando se diz respeito aos processos mais eficazes de aprendizagem. Embora pareçam pequenas gotas sendo joradas em um oceano imenso, nós professores precisamos fazer nossa parte por uma educação melhor no nosso país.

ABSTRACT

The Supervised Internship of Portuguese Language, as an instrument of initial formation and, therefore, an articulator between theory and practice, led us to contact with the Youth and Adult Education (EJA) modality. There we came across some problems that affects all the teaching levels: the difficulties of reading and writing. Faced with this problem, we aim to analyze the teaching of reading and writing on the EJA, based on our brief supervised internship experience. In order to reach this objective, we based ourselves in some studies of Pimenta (2011), Leal (2005), Oliveira (2010) among other authors and, in a qualitative research, a kind of action research. We conclude that the practices of reading and text production, practiced in schools, on the EJA, distance themselves from those proposed by the interns.

Keywords: Supervised internship. Reading. Text Production. EJA.

REFERÊNCIAS

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Parecer 11/2000. Brasília, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

LEAL, Telma Ferras. **Desafios da educação de Jovens e Adultos: construindo práticas de alfabetização/** Telma Ferraz Leal; Eliana Borges Correia de Albuquerque (org.) – 1ª ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido, Maria Socorro Lucena Lima; revisão técnica José Cerchi Fusari, **Estágio e docência-** 6. ed - São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo o professor de português precisa saber:** a teoria na prática. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática.** Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf; acesso em: 21 out. 2018.

HOUSSAYE, Jean. Pedagogia: justiça para uma causa perdida. In: Houssaye, Jean; Soëtard, Michel; Hameline, Daniel; Fabre, Michel. **Manifesto a favor dos pedagogos.** Tradução de Vanise Dresch. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 9-45.

MENDES, Bárbara Maria Macêdo. Novo olhar sobre a prática de ensino e o estágio curricular supervisionado de ensino. In: Mendes Sobrinho, José Augusto de Carvalho; Carvalho, Marlene Araújo de (Orgs.). **Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra.1996.

LEMOS, Marlene Emília Pinheiro de. Proposta curricular. In: **Salto Para o Futuro** – Educação de jovens e adultos/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED,1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

SOEK, Ana Maria; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves; STOLTZ, Tânia. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos**. Curitiba: Positivo. 2009.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

AVELAR, Juanito Ornelas de, 1964. Saberes gramaticais: formas, normas e sentidos no espaço escolar – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2017.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. PCNs. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Volume 2 – Brasília, 1997.

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.